



GT 042. Maternidades, partos e cuidado infantil: políticas dos corpos, direitos humanos e antropologia em ação

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) - Coordenador/a,
 Elaine Müller (UFPE) - Coordenador/a, Giovana
 Acácia Tempesta (UnB) - Debatedor/a, Fernanda
 Bittencourt Ribeiro (Pucrs) - Debatedor/a, Camila
 Pimentel (Fiocruz Pernambuco) - Debatedor/a

Este GT pretende dar continuidade às discussões inauguradas na RBA de 2014 e em outros fóruns de debate antropológico nos últimos anos. Se, de início, nos concentramos nos debates sobre parto, assistência médica e movimentos de mulheres na atualidade, os últimos anos têm nos dado mostra da ampliação da reflexão nesse campo. A antropologia do parto tornou-se, pouco a pouco, a antropologia das maternidades, dos corpos e da infância, tematizando literalmente o cuidado em sua vida social desde uma perspectiva de gênero. Muitos têm sido os seus desdobramentos que nos incitam a propor este grupo, quais sejam: as maternidades contra-hegemônicas; as novas parentalidades; as teorias da maternagem, a criação com apego, a disciplina positiva e seus dilemas; a vida profissional e a maternidade no século 21; as mães e deficiência no contexto do Zika Vírus; aborto; os movimentos sociais-econômicos maternos; a política e a maternidade; as desigualdades e maternidades; as noções de infância; os direitos no/do parto; a pesquisadora como mãe e a antropologia feita por mães, para além, é claro, dos debates sobre assistência médica, leituras de parto, pós-parto e amamentação. Por essa razão, trabalhos que contornem esse leque investigativo serão mais do que bem-vindos no sentido de despertar diálogos antropológicos sobre direitos humanos e maternidades em amplo e em sentido amplo.

‘Eu engraidei dela lá dentro do presídio’: Experiências de maternidades de mulheres pobres em um hospital público de Fortaleza

Autoria: Socorro Letícia Fernandes Peixoto, Antônio Cristian Saraiva Paiva (Professor doutor do PPGS/UFC, coordenador do NUSS/UFC)

A maternidade, longe de reduzir-se a um evento biológico, compõe-se de elementos culturais, históricos e normativos, estando vinculada às práticas cotidianas e trajetórias das mulheres. Desse modo, apresenta múltiplas composições, tanto devido às posições sociais femininas, quanto às capturas e linhas de fuga frente às enunciações médicas, estatais orquestradas hegemonicamente acerca do corpo e da subjetividade feminina. Esse artigo é parte da pesquisa de doutorado em curso e objetiva investigar as composições da maternidade, a partir das trajetórias sociais das mulheres pobres e negras, moradoras da periferia de Fortaleza, tendo como foco as formas que elas lidam com as enunciações biopolíticas hegemônicas, através de suas práticas de reiterações e insurgências. Agregamos a esse objetivo um olhar interseccional sobre esses sujeitos mediante seus pertencimentos sociais de gênero, raça/etnia, classe e sexualidade. A pesquisa, de cunho qualitativo, parte de narrativas biográficas e trajetórias sociais de 13 mulheres entrevistadas em um hospital público em Fortaleza, bem como das interações e observação participante nas salas de espera nos ambulatórios. Privilegiamos nesse estudo as mulheres que ‘subvertem’ o ideal de mulher e mãe, ancoradas nas ausências de suportes econômicos, estatais, conjugais destacados nas hierarquias reprodutivas (DINIZ; MATTAR, 2012), tais como mulheres prostitutas, usuárias de drogas, em conflito com a lei, com works precários. As propostas do parto humanizado, legitimadas pelos importantes ativismos feministas e pelas políticas públicas atuais, talvez tenham tido tênues repercussões nas experiências de algumas interlocutoras durante a assistência ao parto, dado o processo de despersonalização da mulher que ocorre no contexto hospitalar e a naturalização desse sistema por parte de profissionais. (CARNEIRO, 2015). Outro entendimento preliminar é que, para essas mulheres em situação de sofrimento social (DAS, 2011), a maternidade é mais



uma experiência em suas trajetórias sociais pois, na maioria das vezes, ao não serem planejadas, não ocupam lugar de centralidade em seus projetos biográficos, sendo parte dos seus vários domínios de existência. Dentre alguns achados em campo, acreditamos que as interlocutoras desenvolvem resistências e modos de subjetivação próprios, não desistindo de viver suas sexualidades e desejos, ao realizarem visitas íntimas aos seus companheiros nos presídios, chegando ?engravidar lá dentro?. Além disso, essas mulheres têm enfrentado situações de violência conjugais com altivez, realizam works temporários como forma de sobreviver, contam com uma rede de familiares e vizinhança em que as crianças ?circulam? (FONSECA, 1999) e são cuidadas, dadas suas formas de sociabilidades na periferia.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

